

TEOLOGIA CATÓLICA NA PÓS-MODERNIDADE E OS DE- SAFIOS DO RELATIVISMO

Antonio Marcos Chagas **RESUMO**

O presente artigo aborda o papel da Teologia, enquanto reflexão sistemática sobre a divina revelação ao seu povo, ante o impacto da realidade pós-moderna. A Sagrada Escritura e a Tradição, interpretadas legitimamente pelo Magistério, são os pilares desta missão. Sob estes alicerces é que se articula o diálogo com o mundo contemporâneo. Para tanto, a fidelidade criativa ao Depósito da Fé e o desenvolvimento de linguagens e métodos atualizados de exposição deste Depósito estão a requerer dos teólogos a superação do imanentismo e do transcendentalismo enquanto formas distorcidas de fazer teologia.

Palavras-chave: Teologia Católica. Pós-modernidade. Relativismo.

ABSTRACT

This article will address the role of theology as systematic reflection on divine revelation to his people, before the impact of postmodern reality. Sacred Scripture and Tradition legitimately interpreted by the Magisterium are the pillars of this mission. Under these foundations is hinging dialogue with the contemporary world. Therefore, the creative fidelity to the deposit of faith and the development of updated languages and methods of exposure of this deposit are applying theologians overcoming immanentism and transcendentalism as distorted ways of doing theology

Keywords: Catholic Theology. Postmodernity. Relativism.

1 INTRODUÇÃO

A vida cristã constitui-se um maravilhoso e desafiante encontro entre um Deus que se revela, enquanto ser pleno, na sua perfeição e no seu de amor; e, como interlocutora, a humanidade limitada e inacabada, sempre em processo, marcada pela finitude. A Teologia, surgida no esforço intelectual e amoroso de refletir sistematicamente tal revelação, , exerce um papel de alto significado neste sentido. Longe de ser um estudo que se põe isolado do mundo, a ciência teológica impacta e é impactada pela cultura e pelos acontecimentos do tempo onde se insere. Feita por pessoas que estão na história, o tempo e o espaço são categorias irrenunciáveis do pensar Deus e sua ação criadora, salvífica e santificadora.

O presente artigo buscará refletir sobre a identidade da Teologia, os impactos da pós-modernidade e as consequências deste contexto sociocultural, bem como seus desdobramentos intensos na história presente. Alguns desafios contundentes estão a exigir uma tomada de consciência atenta e vigilante; sempre aberta deverá ser a postura ante o mundo plural, mas não ingênua. O método usado no presente artigo é o da revisão bibliográfica. Não faltará um discorrer livre e enfático ante tantas situações de alto risco proporcionado por um pluralismo levado aos extremos da inconsequência ao ponto de negar ou subjetivizar a verdade.

Buscar-se-á uma reflexão questionadora, com certeza, tendo presente o pensamento da Igreja. Sem a presunção de oferecer respostas prontas, este artigo se propõe dar sua contribuição reflexiva. O mundo acadêmico o requer e também as exigências comprometedoras da fé.

2 A TEOLOGIA: IDENTIDADE DE UMA CIÊNCIA

Perguntar-se sobre o que é a Teologia, como ela se articula e passou a ser considerada uma ciência propriamente dita é tarefa que se impõe para entendê-la. A compreensão etimológica da palavra Teologia enquanto ciência de Deus ou discurso sobre Deus, propõe as linhas de sua identidade e fundamento. No que tange à sua cientificidade, pode-se afirmar que “enquanto a teologia pode exibir um conjunto de conhecimentos ordenados, com objeto, método, unidade e sistematização próprios, merece o nome de ciência” (LIBÂNIO-MURAD, 2005, p. 84). Ocorre, no entanto, precisar algo de grande relevo e essencial importância: A Teologia Católica tem sua base epistemológica fundada no argumento de autoridade. Como não se trata de uma ciência que lida com o dado experimental, mas com um discurso sistemático, orgânico e fundamentado sobre a fé, este argumento de autoridade é a base de tal discurso. E esta

autoridade é haurida da Sagrada Escritura, da Tradição e do Magistério eclesástico, referências irrenunciáveis, ao menos no caso de uma Teologia Católica. Bem assevera o documento sobre a vocação eclesial do teólogo:

No decorrer dos séculos a teologia constitui-se progressivamente em verdadeiro e próprio saber científico. É, portanto necessário que o teólogo esteja atento às exigências epistemológicas da sua disciplina, às exigências do rigor científico, e consequentemente à verificação racional de todas as etapas da pesquisa (ISVET²⁶, n. 9).

A força da verdade, em sua capacidade unificante, gera liberdade genuína afastando o isolamento, gerando unidade e abrindo o caminho para Deus. Ora, a Teologia:

[utiliza] modelos e paradigmas para entender o seu objeto central, a saber, a autocomunicação de Deus na história em ações e palavras. Tem o mesmo estatuto epistemológico no sentido de aproximar-se da revelação de Deus com categorias, matrizes, paradigmas interpretativos hauridos da filosofia e das ciências humanas.[...]. [Tendo presente o que foi dito] resulta claro que a teologia cumpre determinadas funções de ciência, mas que também não responde a outras. Diz-se ciência de maneira original [...]. Uma vez aceita a pluralidade dos jogos linguísticos, dos diversos saberes, das diferentes maneiras de conduzir o próprio método, de pautar seu rigor teórico e de fazer parte de uma comunidade científica como expressão moderna de ciência, a teologia faz-lhe pleno jus (LIBÂNIO-MURAD, 2005, p. 86-88).

O discurso não teológico sobre Deus faz uso de uma linguagem espontânea, despreocupada com relação à ordem e sistematicidade; pode até ser dotada de profundidade espiritual e sabedoria evangélica. No entanto, inexistente o compromisso com a fundamentação. Pode-se afirmar que este discurso espontâneo e o discurso teológico propriamente dito possuem em comum esta escuta da Palavra de Deus revelada, em suma, o próprio Cristo. Assim sendo, no caso do discurso teológico propriamente dito há que se dar a devida atenção “às exigências do rigor crítico, e consequentemente à verificação racional de todas as etapas da sua pesquisa” (IBIDEM). Esta reflexão científica, ou seja, com um método que lhe dá respaldo comprobatório, permite investigar a revelação divina com a fé da Igreja, aceita como verdade salvífica e universal (TH²⁷ n. 5). Esta organicidade, sistematicidade dão à Teologia esta racionalidade enquanto compreensão metódica, com um

26 ISVET: Instrução sobre a vocação eclesial do Teólogo.

27 TH: “Teologia Hoje: perspectivas, princípios e critérios” documento da Comissão Teológica Internacional. .

fio lógico. O que busca, portanto, a ciência teológica? Em nível técnico: quando alguém elabora a reflexão teológica elabora um discurso segundo regras internas estabelecidas e reconhecidas. Praticar-se Teologia no sentido técnico do termo ao produzir novas formas de expressão da revelação, da tradição e da vida da Igreja. Isso acontece quando a pessoa se vê provocada pela realidade. Conforme Hames (2006) para ser ciência, a Teologia deve estar atenta a, pelo menos, quatro condições: ter um estatuto epistemológico próprio, manter sempre a liberdade de pesquisa, ter inserção científica e relevância pública. Entenda-se que

[a Teologia expressa à relação entre] a inteligência e a fé, ciência da fé. É um método de apropriação daquele aspecto humano chamado crença enquanto dimensão existencial subjetiva e social, vivida e recebida em sua relação com a sociedade e a realidade. Seu objeto imediato, a fé, no entanto, não é – como fazer crer uma concepção apenas individualista – sinônimo de irracionalidade aberta e acolhedora que não é apenas compatível com pesquisa, mas lhe é intrínseca e inerente, a exemplo de qualquer outra realidade humana (HAMES, 2006, p. 549).

Por conseguinte, a produção teológica constitui uma ação sujeita à processualidade, rica no seu dinamismo e rigorosa no seu controle perspectivando adequada fundamentação. No bojo de tal assertiva, ocorre frisar que a Teologia não se remete a uma abstração vaga, mas ao mistério revelado que toca a realidade e com ela interage de forma significativa e fecunda. Desta feita, deduz-se que a ciência teológica se constitui sobre o pressuposto da fé o qual requer, pois lhe é intrínseco, o discurso articulado sob o rigor de um método específico, sujeito a regras que lhe dão fundamentação para, deste modo, assumir-se enquanto ciência. Bem o afirmam os autores Libânio e Murad:

Portanto, para ser teologia implica que o estudioso exerça uma “atividade de fé”, isto é, aja a partir da fé que possui na revelação cristã. Portanto, fora do âmbito da fé, não há teologia. É ciência porque esta atividade segue as exigências da racionalidade de um discurso estruturado e segundo regras bem definidas. Todos reconhecem que se pratica algo mais que um simples discurso religioso, piedoso. Faz-se uma reflexão disciplinada, séria, elaborada, articulada, ao responder questões que se levantam a compreensão da fé. Portanto, sem determinado caráter científico, não se faz teologia. Tanto a atividade de fé como o exercício científico se fazem dentro da comunidade eclesial e para ela. Não é nenhuma aventura individual, arbitrária. Portanto, sem eclesialidade não se constrói teologia (LIBANIO-MURAD, 2005, p. 75-76).

Há que se considerar o grande reducionismo de uma pretensa Teologia que se limitasse a ser mera repetição daquilo que os documentos da Igreja afirmam (ISVET, n. 37). Seria um renunciar à missão de oferecer respostas e reflexões sobre os impactos da fé sobre a realidade, bem como dos problemas que tais impactos possam suscitar. O teólogo não pode viver essa Teologia acomodada que só pensa o que os outros pensaram, ou o que disseram os papas ou demais documentos. Há muito que se refletir, à luz da Revelação cristã e dos apelos feitas pela realidade. A Comissão Teológica Internacional assevera:

Teologia é a reflexão sobre a revelação divina, que a Igreja aceita pela fé como verdade salvífica universal. A plenitude desta riqueza e dessa revelação são muito grandes para serem acolhidas por uma única teologia, de fato, como são recebidas de maneiras diversas pelos seres humanos, dão origem a múltiplas teologias. Na sua diversidade, todavia, a teologia está unida à única verdade de Deus, a unidade da teologia, portanto, não requer uniformidade, mas sim um único foco na Palavra de Deus e na explicação de suas riquezas inúmeras pela teologia, capazes de dialogar e se comunicar umas com as outras. Da mesma forma, a pluralidade de teologias não deverá implicar fragmentação ou discórdia, mas a exploração das inumeráveis formas da única verdade salvífica de Deus (TH, n. 5).

Tal pluralidade é constitutiva da reflexão teológica, dando, por isso, pertinência ao dizer das teologias, pelo fato que a realidade é também variada e distinta. São inúmeros os contextos e situações, realidades e ambientes, como se afirmou supra. “Teologia se caracteriza por uma atitude de diálogo envolvendo, não apenas confissões e religiões diferentes, mas também culturas e ciências distintas. Daí a pluralidade de Teologias” (HAMES, 2006, p. 551). Fazer Teologia e ensiná-la é um ministério, um serviço prestado a Deus e à sua Igreja. Por acontecer na Igreja e ser um ato eclesial por essência e excelência, visa o bem do povo de Deus, sua edificação, tendo em vista a busca e acolhida da verdade. Muito oportunamente afirma Jared Wicks:

A teologia é uma vocação e um ministério eclesial. Ela está prefigurada no serviço carismático prestado pelos “mestres” (didáskaloi) que, segundo São Paulo, são postos na Igreja depois dos apóstolos e dos profetas (1Cor 12, 28). Em sua melhor forma, a teologia é uma percepção e expressão renovada da palavra de Deus na Igreja, para o enriquecimento dos pastores e do povo de determinada região cultural, na visão de fé e na santidade de vida (WICKS, 2004, p. 87).

Note-se que o trabalho teológico exige uma nova metodologia de aprofundamento do dado revelado. Ora,

os problemas são vários, estão ligados a tantas realidades, todas elas altamente plurais; são situações ímpares, heterogêneas e progressivamente complexas. Tal está a exigir mais qualidade e mais esforço da Teologia. Urge, portanto, refletir, pesquisar e atualizar-se cada vez mais e melhor. Dirigir uma reflexão sobre teologia constitui-se em um agir inteligente o qual tem que, de alguma forma, focar grupos, públicos, faixas etárias, etnias, raças, etc. Lançar-se no diálogo corajoso, aberto, construtivo, não dispensa que este seja também franco, sem tentar negociar a verdade, ou lançar-se no conformismo, com fins populistas, conformistas, de plasticidade e adaptabilidade incompatíveis com o depósito da fé.

3 A TEOLOGIA CONTEXTUALIZADA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS ANTE A PÓS-MODERNIDADE

O contexto pós-moderno tem apresentado à Igreja e ao pensamento organizado e atento sobre a fé, desafios de magnitude sem par. Com certeza, por trás de tais desafios há chances, oportunidades de construir uma ciência da fé que se renova e se repropõe à renovação e atualização constante, sob o impacto das exigências deste mundo em profundas e rápidas transformações. Da afirmação da supremacia da Teologia às inibições ou até repressões impostas aos cientistas, tendo nas controvérsias com Galileu um caso emblemático, tais coerções criaram para com a religião uma postura por demais pessimista; ou até demissionária e de rejeição por parte de inteligências agudas e atentas como a dos “mestres do suspeito”²⁸. Acrescente-se a isso, certas mentalidades e atitudes de pessoas de Igreja e crentes em geral, ligadas ao “fugir do mundo”, ainda mais quando se tratou de membros da cúpula da Igreja; quando destes brotou uma postura mais polêmica que dialógica com a variedade dos ramos do saber, bem como os conceitos relacionados às verdades imutáveis. Não é uma questão de negá-las, pois quem tem fé, não pode prescindir-las. Entretanto, na medida em que estas verdades professadas se encontram privadas de uma adequada contextualização, sem uma aplicação, como era praxe acontecer, deu-se azo para que os mestres do suspeito se sentissem impelidos para entender Deus

28 A expressão “mestres da suspeita” foi cunhada pelo filósofo francês Paul Ricoeur (1913-2005) para designar os pensadores Marx, Nietzsche e Freud. Segundo Ricoeur, foram esses três pensadores que suspeitaram das ilusões da consciência. Por consequência, para descobrir a verdade, é preciso proceder à interpretação do que consideramos conhecer a fim de decifrar o sentido oculto no sentido aparente (RICOEUR, 1978). As críticas elaboradas por estes pensadores repercutiram de maneira significativa nas reflexões posteriores sobre o sentido da verdade e o alcance do nosso conhecimento. Filósofos de correntes diferentes, como o pragmatismo, a filosofia da linguagem, o neopositivismo, o neomarxismo, enfim, das mais diversas tendências, se ocuparam com essa questão.

como fantasia ou criação de gente frustrada, alienada ou repleta de ilusões. Tal fantasia ou criação foram elas forjadas por homens religiosos, os quais se jogam levemente neste absoluto e desprezam o terreno e temporal. A doce alienação do sobrenatural constituiu-se, para estes autores, o ópio do povo que vem de um suposto eterno, o além que ilusoriamente consola e isola do mundo.

É preciso que se entendam os porquês destes filósofos pensarem e impostarem a própria visão negativa, da religião. Fundamentalmente, voltamos aos contrastes entre o transcendentalismo e o imanentismo. Por muito tempo, houve uma visão de fé que estava permeada de aguçado transcendentalismo. Ora, a eternidade, para os que nela acreditam – ao menos adequadamente – frise-se, não isola ou tira do envolvimento terreno. Jesus, não por nada, chamou os seus discípulos a serem elementos de transformação da realidade, para enchê-la da eternidade. Mas, não foi o que aconteceu no passado e no presente o problema persiste, quiçá, com outras nuances.

3.1 UM DIÁLOGO RESPEITOSO VERSUS UM MONÓLOGO PASSIVO E RENUNCIATÓRIO

Não é compreensível partir do pressuposto que a verdade não existe ou é fruto de uma visão de mundo específica, horizonte restritivo e relativo ao sujeito pensante, ou nem tão pensante assim, quiçá impulsivo e sem referências; em suma, tal não pode ser compactuado com quem está em busca da verdade enquanto dado revelado ou perfeitamente alcançável pela razão. Esta visão de mundo em que este ambiente cultural abarca a todos, de forma mais ou menos intensa, com certeza, não deixará os teólogos isentos de seus influxos. Não será a variedade de pertença a grupos sociais e o papel que cada um de seus membros exerce que monopolizará o papel de cada pessoa humana (RATZINGER, 2008). A situação hodierna, com efeito, exige uma postura de profunda abertura ao diverso, ao diferente, tendo o diálogo como referência e ferramenta, objetivando criar pontes para aproximar pessoas e ideias, demolir muros de discriminação e rótulos negativos; requer-se um conhecimento mais profundo sobre o que se vive em termos de transformações sociais e culturais, profundas e rápidas, desafiantes e avassaladoras. Uma sociedade secularizada, subjetivista, relativista, laicista, cientificista, tecnicista, consumista e também do show e do desquite põe a rebotalho as forças organizadoras da razão e santificadoras da fé. Abre espaço para o diálogo, mas desafia e relativiza o que essa mesma fé professada. Sombras e luzes, em um grande areópago se abre.

Sendo a Palavra de Deus sempre atual, também hoje ela joga um papel fundante e doador de sentido

para esse tempo. A pós-modernidade facilitou a entrada da Teologia Católica no seletivo grupo das ciências, onde ela, outrora, nem era reconhecida como merecedora a um assento à mesa do diálogo. Noutras palavras, a Teologia em nada poderia contribuir para o mundo científico por ser taxada como um tipo de conhecimento que envolve mundo mágico, mítico, fantástico, sobrenatural de modo a não se coadunar com a verdade a qual conforme os sólidos ditames da ciência autêntica, só pode ser colhida a partir do empiricamente comprovável. No entanto, a Teologia não tem, nem pretende ter, o “monopólio da verdade”. Exige-se dela, por conseguinte, o saber dialogar, de modo que o pluralismo seja assumido como sinônimo de chance e desafio. Este trabalho hermenêutico contínuo não permite mais um acomodar-se no que já foi produzido (LIBÂNIO-MURAD, 2005). Mas, não cabe à Teologia, em nome de tal diálogo, assumir-se como omissa ante a defesa vigilante de sua meta e sua razão de ser. Não se pode renunciar Deus ao ponto de negar-lhe a transcendência e demais atributos que lhe são inerentes e essenciais. Daí ser controversa e contraditória propor uma “morte de Deus” como sinônimo de avanço e melhor diálogo com o mundo e as demais ciências. Os teólogos da “morte de Deus” apresentam uma reflexão instigante e desconcertante:

Segundo os teólogos da “morte de Deus”, o eclipse do sagrado na cidade secular só poderia ser elaborado teologicamente mediante a substituição das categorias da transcendência do platonismo cristão e da dialética da contingência do aristotelismo teológico pela constatação empírica da indiferença religiosa na Modernidade. A crise do teísmo convencional somente seria superada sublinhando a concentração cristocêntrica na reflexão teológica, bem como aceitando a dimensão social e histórica e o compromisso fraterno. O Deus da transcendência fora eclipsado, e em seu lugar surgiu o Deus da imanência revelado em Cristo, paradigma de uma ética de fraternidade (PASTOR, 2003, p. 86)

Entretanto, as pessoas não estão em busca de flexibilizações deturpadoras que se permitam dilapidar o patrimônio da fé e questões de moral. Elementos de formas e métodos de exposição, de nenhuma forma significam trair a essência do que se crê. Com certeza, teólogos que são criativos e livres na sua produção acadêmica, permanecendo fieis à verdade acolhida e interpretada pela Igreja; de nenhuma forma se afastam das outras religiões e demais membros da sociedade que nem têm religião. Assumir a própria especificidade não significa marginalizar o diferente. Aliás, sabendo expor a própria fé sem animosidades, com o devido respeito às diferenças, cultivando um diálogo produtivo e esclarecedor, com quem se dispuser a isso, com tais atitudes proativas se ganha respeito e cumpre-se a missão da Igreja.

3.2 QUESTÕES CONTROVERSAS NA TEOLOGIA: MEDO DE FALAR DE DEUS E OS RISCOS DO IMANENTISMO DE UMA LIBERTAÇÃO TEMPORAL

Ao negarem o eterno, o absoluto, a verdade objetiva, o incontestável, os mestres do suspeito lançaram em xeque princípios e valores até então sólidos e estáveis, compartilhados e até alguns séculos antes deles, indiscutíveis. A grande meta da nossa fé é a compreensão acolhedora que se tem do mistério revelado, o qual encontra no Reino de Deus a sua manifestação e concretização. Por isso, tendo presente algumas compreensões deturpadas do Reino de Deus, pode-se exemplificar a que ponto, sorrateiramente vai-se esvaziando o patrimônio da fé. Um invólucro de refinada construção intelectual visa atrair e convencer. A este propósito, o papa emérito Bento XVI alerta a respeito de uma compreensão, de forma bastante fluida e descaracterizada, do Reino de Deus.

Entretanto, desenvolveu-se em vastos círculos, especialmente da Teologia católica, uma interpretação secularista do pensamento do Reino, que originou uma nova visão do cristianismo, das religiões e da história em geral, e como esta profunda transformação o que se pretendia era tornar apropriável a alegada mensagem de Jesus. Diz-se então que antes do Concílio dominara uma perspectiva eclesiocêntrica, tendo sido a Igreja colocada como ponto central do cristianismo. Depois, ter-se-ia passado para uma visão cristocêntrica e conseqüentemente se ensinaria que Cristo como o ponto central de tudo. No entanto – diz-se, – não é só a Igreja que é fator de divisão, mas também Cristo, na medida em que Ele pertence apenas aos cristãos. E assim se passou do cristocentrismo para o teocentrismo e pensava-se que se estaria mais próximo da comunidade das religiões. Mas com isso não fora ainda atingido o objetivo, porque também Deus pode ser visto com fator de divisão entre as religiões e os homens (RATZINGER, 2007, p.62-63).

Não se pode negar que toda a realidade da pós-modernidade e seus desdobramentos relativistas ou imbuídos de indefinições, não deixam de criar uma atmosfera onde, de uma forma ou de outra, todos respiram este “ar”. Esvaziar a Teologia de Deus significa reduzi-la à inexistência, torná-la uma especulação amorfa, disforme, insossa, um nada que leva ao nada. Afinal, a que foi reduzida a compreensão de Reino de Deus? Ainda Ratzinger arremata:

Mas o que se mostra é sobretudo o seguinte: Deus desapareceu, do que se trata é apenas do homem. O respeito perante as tradições religiosas é apenas aparente. Na realidade, elas são vistas

como uma quantidade de hábitos que podem ser permitidos aos homens, embora, em última instância não contem para nada. A fé, as religiões têm apenas como finalidade objetivos políticos. Pois, na verdade o que conta é única e exclusivamente a organização do mundo. A religião conta apenas na medida em que pode, para esse efeito, oferecer alguma ajuda. [...]. A nossa crítica central a esta ideia secular e utópica do reino tinha dito assim: Deus desapareceu. Ele já não é nem utilizado nem incomodado. (RATZINGER, 2007, p. 64-65).

Essa Teologia que se sepulta Deus nas profundezas do nada, abre portas para um ateísmo difuso ou se propõe uma religião reduzida plasticamente àquilo que se deseja que ela seja, conforme as conveniências e interesses de grupos ou indivíduos. Convém frisar que neste imanentismo, a religião, ou mais precisamente a fé perde a sua dimensão transcendente, de modo que o apontar para o eterno (além da história) é visto como alienação, onde o Reino de Deus é algo que se implanta somente no aqui e no agora da história. Se a verdade se tornou tão relativa e tão condicionada a interesses particulares, em suma, se ela ficou mergulhada no subjetivismo profundo e inapelável, então a doutrina, a verdade imutável, os valores morais perenes serão encarados como força opressora ou repressora, imposição escravizadora. Jargões ideológicos de natureza relativista e imanentista destroem também de forma cabal e implacável o compromisso de missionar, de anunciar a boa notícia do Evangelho; de formar segundo o cristianismo. Crê-se ser imperativo, em nome da liberdade, pôr-se de forma passiva ante o que se diz, argumenta, nega ou afirma a respeito da fé professada pela Igreja. Renuncia-se ao anúncio, em nome do diálogo e do respeito às convicções de cada um. Além disso, urge lembrar que para haver diálogo, a escuta é um imperativo de todos os indivíduos envolvidos no processo dialogal. Tanto o ouvir quanto o falar, assim como o acolher e o argumentar são constitutivos do processo.

O relativismo, o pragmatismo, o niilismo, o consumismo, o subjetivismo, parecem mais, a partir da vida concreta das pessoas, ser um grito de desespero que explode do interior de uma civilização doente. A corrupção, a violência, a promiscuidade sexual, a indiferença e irresponsabilidade das pessoas, bem como o descompromisso e alienação, não há dúvida, bebem dessa mentalidade que sorrateiramente serpeia e cria um quadro desprovido de sentido. Esses problemas sempre existiram e quem sabe, não vinham à baila por não terem como emergir; ou emergiam de forma discreta ou enrustida. Atualmente, não só emergiram, como também se potenciaram quanto ao número e intensidade. Sem a verdade partilhada, corre-se o risco de criar uma situação insustentável de tantas mentiras e ilusões. A verdade convoca os homens e mulheres de todos os

tempos a resistirem à tentação de deixar sucumbir a razão, o bom senso, a razoabilidade; em suma, a atual situação conclama a que se busque um consenso mínimo onde a inteligência e a boa vontade humana sejam capazes de captar e manter uma certa linha de pensamento e conduta, objetivando criar uma visão de mundo necessária e fundamental. A convivência humana, a civilização e as construções seculares e, até então estáveis da vida e da organização social o exigem. Trazendo para a nossa realidade, importa questionar-se: qual deus foi morto por Nietzsche? Ou por Freud? Ou por Marx? Um Deus verdadeiro ou uma imagem de deus que lhes foi passada? Parece-me proveitosa a reflexão feita pelo Concílio Vaticano II sobre o ateísmo onde na Constituição Pastoral “*Gaudium et Spes*” (GS) os padres conciliares afirmam:

Na verdade, os que deliberadamente tentam afastar Deus de seu coração e evitar os problemas religiosos não segundo o ditame de sua consciência, não são isentos de culpa. No entanto, os próprios fiéis arcam sobre isto muitas vezes com alguma responsabilidade. Pois o ateísmo, considerado no seu conjunto não é algo inato, mas antes originado no seu conjunto, entre as quais se enumera também a reação crítica contra as religiões e em algumas regiões sobretudo contra a religião cristã. Por esta razão, nesta gênese do ateísmo, grande parte podem ter os crentes enquanto negligenciando a educação da fé, ou por uma exposição falaz da doutrina, ou por faltas na vida religiosa, moral e social, se poderia dizer deles que mais escondem que manifestam a face genuína de Deus e da religião (GS, n. 19).

Urge perguntar-se sobre qual imagem de Deus se está passando para as pessoas ao ponto de elas abraçarem o ateísmo ou tornarem-se agnósticas. Essa morte de Deus, longe de ser algo inofensivo, traz à baila questões controvertidas e candentes. De fato, certos referenciais de leitura da realidade mergulharam o ser humano em um subjetivismo de tal modo acachapante ao ponto de não dar mais espaço para a razão em sua razoabilidade e equilíbrio. Além disso, o bem e o mal acabaram reduzidos a categorias culturais e, por conseguinte, foram tremendamente relativizados e subjetivizados em grau extremo. Não ter um quadro ao menos mínimo de critérios de certo e errado é um atentado ao reto cultivo da consciência humana. Reporto-me a São João Paulo II, quando na *Veritatis Splendor*²⁹, afirmou:

Perdida a ideia duma verdade universal sobre o bem, cognoscível pela razão humana, mudou também inevitavelmente a concepção de consciência: esta deixa de ser considerada na sua realidade original, ou seja, como um ato de inteligência da

29 Usar-se-á a sigla VS.

pessoa a quem cabe aplicar o conhecimento universal do bem a uma determinada situação e exprimir assim um juízo sobre a conduta justa a ter aqui e agora: tende-se a conceder à consciência do indivíduo o privilégio de estabelecer autonomamente os critérios de bem e do mal, e de agir em consequência. Essa visão identifica-se com uma ética individualista, na qual cada um se vê confrontado com a sua verdade, diferente da verdade dos outros (VS, n. 32).

Quando a vida e o mundo de alguém são provenientes, tão somente, da multiplicidade de forças causais, então a pessoa humana está realmente refém dos instáveis acontecimentos, tempos e sentimentos. São João Paulo II (FR 91) alertou sobre um niilismo corrosivo, ocupando o espaço deixado pelo otimismo racionalista que fracassou; esse mesmo niilismo tem criado um ambiente onde a tentação do desespero tem sido a sinistra herança. O mesmo pontífice se refere de forma dramática à leitura niilista enquanto negação da humanidade do homem e também da sua identidade, levando-o progressivamente a uma destrutiva ambição de poder ou ao desespero da solidão: “Uma vez que privou-se o homem da verdade, é pura ilusão pretender torná-lo livre. Verdade e liberdade, com efeito, ou caminham juntas, ou juntas miseravelmente perecem” (FR 90).

Excluir um quadro unitário de valores – supondo-se que exista – e recusar-se obsessivamente tentar pautar-se por eles, significa jogar a humanidade na barbárie ou no caos. Viver sob a égide tirânica dos oscilantes movimentos dos sentimentos ou dos gostos pessoais, indica um encaminhar para a morte o ser humano vocacionado à liberdade. Abrir-se à espontaneidade não significa, dentro da razoabilidade do bom senso, mergulhar no espontaneísmo. Ora, a Teologia tem referenciais sólidos, estáveis, oriundos da fé professada pela comunidade cristã e, esta fé deu sentido à vida de tantos homens e mulheres que se assumiram efetiva e afetivamente com cristãos. Bem assevera, ainda, Ratzinger (2007), recordando que Jesus não anunciou um reino qualquer, mas um Reino onde Deus, vivo e verdadeiro, não é um passivo expectador, mas ocupa o lugar central e exerce seu protagonismo histórico neste mundo. Trata-se de uma mensagem teocêntrica.

Há que se precisarem dois elementos extremistas a ser combatidos: O imanentismo e o transcendentalismo. Com efeito, os extremos sempre se revelaram nocivos e fontes de graves erros. O primeiro defende de forma obsessiva que o Reino acontece tão somente aqui e agora, na história, fundado pois em causas sociais, em ações presentes. Esvazia, desta feita, a dimensão de eternidade, de salvação eterna, do além, inerente ao cristianismo. O segundo consiste na busca dos bens eternos onde se põe a negligenciar os compromissos

cristãos de transformação da realidade, como se o mundo fosse algo para ser combatido e dele ser preciso fugir. Ora, um extremo não deve ser combatido criando ou deslocando-se para o seu diametralmente oposto! O cristianismo jamais deixará de ser uma fé de peregrinos, rumo ao Céu, à pátria eterna, objeto de desejo e realização plena, evidentemente, sem alienar os crentes, nem tirá-los de seus compromissos em construir o Reino na terra.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A verdade ensinada constitui um mandato, não um conselho, onde os membros da Igreja podem deliberar autonomamente sobre isso. A questão não está tão somente no que se ensina, mas, no como se ensina. A Teologia pode e deve cumprir o seu papel de propor, sem jamais anular parcial ou totalmente o que se crê; ela é chamada a saber discursar, argumentar de maneira atraente, bem fundamentada, atenta aos públicos, deixando de lado as trincheiras, indo ao encontro, sem, no entanto, se esconder ou insensatamente viver a tola ilusão de negar-se para dialogar com as diferenças. Se no passado, a sua identidade foi supervalorizada e depois questionada ou rechaçada, hoje, o diálogo abre perspectivas novas para um diálogo mais fecundo para o mundo das ciências. A variedade e seu pluralismo é riqueza. Felizmente, hoje não se impõe, mas se propõe. A longa história desta ciência, marcada por esforços extenuantes de busca, consolidou-se e sente-se a precariedade do muito que falta avançar nesta busca para consolidar este encontro. Sabendo fazer esta proposta, fruto de sua criteriosa investigação, a Teologia avançará sempre em águas mais profundas, rumo a um destino jamais alcançado totalmente, como em processo, até o fim dos tempos. Eis a missão da Igreja e, por conseguinte, da Teologia.

A liberdade da pesquisa, a criatividade na produção, a profundidade de análise, a captação aguçada dos sinais dos tempos e das mudanças epocais estão a impor um trabalho árduo e competente, onde vem à baila o protagonismo do teólogo; este, enquanto místico, engajado na causa do Reino de Deus, bebe das fontes e, sob a guia do Magistério, se lança neste desvelar a verdade em seus meandros infinitos. Longe de ser uma ciência morta, a Teologia se renova radicada na riqueza de antiga tradição, pois é sempre antigo e sempre novo o patrimônio da fé, com antenas sensíveis para captar os sinais dos tempos, “o que o Espírito diz às Igrejas” (Ap 2, 11). Os desafios deste trabalho não estão a permitir um acomodar-se, mas um viver a própria missão, no carisma que Deus concedeu aos doutores, humildes servos da verdade do seu Senhor.

REFERÊNCIAS

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **Teologia hoje: Perspectivas, princípios e critérios**. São Paulo: Paulinas, 2013.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Instrução sobre a Vocação Eclesial do Teólogo**. 6. Ed., São Paulo: Paulinas, 1990.

Constituição Pastoral **Gaudium et Spes** In: VIER, J. (Org.), *Compêndio do Vaticano II. Constituições, Decretos, Declarações*, 17. ed., Petrópolis: Vozes, 1984, p. 141-256.

HAMES, E. J. Pode a Teologia ser ciência? **Teo Comunicação**, Porto Alegre, v. 36, n 153, p. 541-554, set. 2006.

JOÃO PAULO II, PAPA. Carta Encíclica **Fides et Ratio**. São Paulo: Paulinas, 1998.

_____. Carta Encíclica **Veritatis Splendor**. 10.ed., São Paulo: Paulinas, 2011.

LIBÂNIO, J. B.-MURAD, A., **Introdução à Teologia**. Perfil, Enfoques, Tarefas, 5. ed., São Paulo: Loyola, 2005.

PASTOR, F. A. Teologia e Modernidade: Alguns elementos de Epistemologia Teológica, Em: TRANSFERETTI, J. - GONÇALVES, S. L. **Teologia na Pós-Modernidade**. Abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática, São Paulo: Paulinas, 2003, p. 71-101.

RATZINGER, J. **Jesus de Nazaré**. Primeira Parte: Do Batismo do Jordão à Transfiguração. São Paulo: Planeta, 2007.

-, **Natureza e Missão da Teologia**, Petrópolis: Vozes, 2008.

RICOUER, P. **O conflito das interpretações**. Ensaio de Hermenêutica, Rio de Janeiro: Imago, 1978.

WICKS, J. **Introdução ao Método Teológico**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

SOBRE O AUTOR

Antonio Marcos Chagas

Possui graduação em Teologia - Integralização pelo Instituto Teológico Pastoral do Ceará (2007), Bacharelado e Mestrado em Ciências da Educação pela Universidade Pontifícia Salesiana - Roma-Itália (1997). Coursou o biênio Filosófico no ITEP em Fortaleza-Ce (1986) e o curso aberto de Teologia em Ponta Grossa-Pr (1991). É Especialista em Gestão Estratégica de Instituições

de Ensino Superior na Faculdade Metropolitana de Fortaleza- FAMETRO, em Fortaleza-Ce, Especialista em Ensino Religioso pela Universidade Católica de Brasília (curso à distância), ambas concluídas em 2009. É Especialista em Filosofia e Existência pela Universidade Católica de Brasília (2010-2011). De 2004 a janeiro de 2008 exerceu o encargo Coordenador Acadêmico da Faculdade Católica Rainha do Sertão em Quixadá-Ce. Atualmente trabalha na Pastoral Universitária no Centro Universitário católica de Quixadá (UNICATÓLICA) e, na referida IES leciona no bacharelado de Teologia. Tornou-se coordenador do referido curso em agosto de 2013. Tem experiência na área de Teologia, Formação Humana, Gestão Acadêmica, atuando principalmente nos seguintes temas: Igreja, formação teológica, filosófica e humana.

E-mail: pemarkos@unicatolicaquixada.edu.br